

Odisseias

25 maio, 2005

Álvaro Vasconcelos

A nomeação de António Guterres para o cargo de Alto-Comissário para os Refugiados foi justamente recebida com entusiasmo em Portugal. Tem pela frente uma tarefa gigantesca, a difícil exigência de fazer respeitar os direitos dos refugiados, cuja dimensão é a da tragédia humana das intermináveis errâncias dos tempos modernos, a que Ariane Mnouchkine chama Odisseias na sua extraordinária peça de teatro. Das rotas do Cáucaso às da África, o mundo é percorrido a cada momento por milhares e milhares de refugiados. A maioria foge da guerra, muitos procuram escapar à perseguição política, outros ainda à insidiosa razia da privação de direitos. E muitos são os foragidos da fome. As Nações Unidas contam perto de 10 milhões de refugiados, a que há que juntar todos aqueles (quantos mais?) a quem esse estatuto está vedado, porque, exactamente, fogem da fome e não da perseguição. Há 6.2 milhões que vivem num limbo, impedidos de trabalhar no país onde encontram, confinados muitas vezes em campos por longos anos e, particularmente grave, sem qualquer protecção das Nações Unidas. Não bastará a Guterres gerir bem o actual programa das Nações Unidas e acorrer aos problemas mais urgentes. Tem que fazer evoluir a atitude dos governos e aumentar assim a capacidade das Nações Unidas para prevenir e agir quando necessário. A responsabilidade da comunidade internacional num dos maiores problemas do nosso tempo não se pode restringir à ajuda humanitária como tão tragicamente demonstrou a Bósnia e agora o Sudão. Não só é necessário criar instrumentos mais eficazes para garantir a segurança e a protecção dos refugiados, como é urgente resolver os problemas que levam milhões a fugir. Guterres terá um papel importante lembrando às democracias as suas responsabilidades. E muitas têm mostrado nos últimos anos uma tendência perigosa para restringirem ou mesmo violarem o que é um direito fundamental. Os que procuram asilo provam todos os dias, nos quatro cantos da terra, que um traço marcante do mundo em que vivemos é a incapacidade da comunidade internacional para prevenir e aliviar o sofrimento humano. Prever uma sociedade internacional democrática, sem guerras nem exilados, ceder ao encanto da profecia, pertence ao domínio do real e depende do reforço do sistema que "pressupõe o convívio das diferenças". Isto dizia há anos em Lisboa Norberto Bobbio - e é certamente o espírito com Guterres assume este cargo.

* Director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais de Lisboa (IEEI)